

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é resultante do pó estelar. Além de pertencente à evolução dos seres vivos da Terra, ele carrega em si os elementos idênticos contidos nas estrelas, de onde todos os planetas vieram.

A criação do universo pressupõe uma eclosão inicial após uma grande contração. Porém, esta teoria não exclui a possibilidade deste evento estar sempre se repetindo.

De toda maneira, dos 15 bilhões de anos estimados, que separam a origem do universo, aos 5 bilhões do planeta Terra, o homem seria o último na escala cronológica, o mais “jovial”, por assim dizer. E este mesmo homem é testemunha dos eventos do universo, mesmo os que não mais existem, dada a distância astronômica entre as estrelas e galáxias até o sistema solar.

E, neste ciclo evolucionário, a consciência se tornou a questão principal de toda esta viagem.

A inteligência humana se configurou a partir de um cérebro, que eclodiu em várias etapas, desde a réptil, passando pela dos mamíferos com o sistema límbico, até o neocórtex humano, com as divisões hemisferiais esquerda e direita.

O homem primitivo, que principiou a evoluir e se tornar ereto, a partir do momento em que começou a descer das copas das árvores, em busca de alimento e abrigo para fazer frente às intempéries da natureza, começou a sofrer uma mudança em seu cérebro, graças às mutações no caminhar.

Aliada a alimentação protéica, a relocação angular do cérebro – graças ao bipedismo -, propiciando maior incidência de raios solares, passou a alimentar e estimular seu cérebro, que foi se amplificando.

Esta lenta passagem foi de um estado coligado à natureza, para outro, em que “sozinho”, o homem primitivo

- começava a se sentir “destacado”,
- precisava se resguardar dos perigos,
- precisava se alimentar,
- ao mesmo tempo em que sentia uma solidão inerente, uma vaga sensação de desatamento, similar à uma morte e renascimento,
- quis compartilhar tal sensação com seus semelhantes.

Esta tese trabalhou com a hipótese de que o ser humano, em face desse “desligamento” instintivo, desenvolveu uma necessidade em criar histórias, situações imaginativas, cujas realidades, embora inventadas, são tão verossímeis quanto a existência por ele vivida.

Assim, no primeiro capítulo viu-se que, como parte integrante dessa psique, o desenvolvimento da inteligência humana permitiu que se desenvolvessem possibilidades que facilitaram este caminho comunicacional

O princípio da comunicação, por gestos e grunhidos, foi se ampliando e melhorando através de expressões gráficas nos solos, nas cavernas e no próprio corpo. Estudos verificaram que a utilização de ferramentas rudimentares construídas pelos primitivos era executada pela mão direita, o que estimulou o neocórtex cerebral esquerdo, ampliando-o e estimulando-o cada vez mais.

Por outro lado, as vicissitudes da sobrevivência pediram a pronta execução vital por parte dos homens, estimulando inicialmente a porção cerebral central (primitiva, derivada dos répteis).

Durante os princípios dos assentamentos humanos, a partir de seu aprendizado básico de caça, pesca, e cultivo de animais, bem como o plantio, foi sendo desenvolvido um partilhar gregário, que se expandiu em conjunto à inteligência e à transmissão de informações.

O sentimento de “nostalgia” não diminuía, mas a possibilidade de se suprir esta sensação se ampliou com o desenvolvimento das expressões, incluindo o desenho e as escritas, que inicialmente eram pictográficas: destas últimas, a síntese concebeu os ideogramas e os fonemas, para facilitar e acelerar a transmissão de informações (além da fala, do canto etc).

O cérebro triádico (réptil, mamífero e superior), passou a ter estimulada não mais apenas a porção central, pragmática, mas também a hemisférica direita, ampliando a inteligência racional (com as construções e utilizações de ferramentas) e a hemisférica esquerda (com as expressões artísticas e as mitologizações com base no inconsciente universal e coletivo).

Segundo as hipóteses desta tese, a evolução humana teve três momentos: no primeiro, a atuação pragmática, devida ao cérebro réptil, que permitiu ao ser humano sobreviver (instintos básicos); em segundo, o desenvolvimento do hemisfério direito, a partir de determinado período, o que permitiu a conexão da inteligência diretamente à fonte universal cósmica; neste período, a humanidade conheceu muitos sábios e místicos, que auxiliaram ainda mais na ampliação deste hemisfério. Num terceiro momento, o hemisfério esquerdo, da racionalidade, da linearidade, passou a recrudescer, e suplantar a visão “mística” do direito. No entanto, houve, nestes movimentos cíclicos, uma separação dos três cérebros, tornando desproporcional sua

utilização. Isto causou toda a problemática que o *homo demens* e *ludens*, vem sentindo.

Neste processo da pavimentação cíclica do pensamento humano, enquanto na Idade Média grassou o exagero do misticismo, o princípio da racionalidade retornou depois com Lutero e o protestantismo.

A partir da retomada da ciência, deu-se, desde Galileu e Copérnico, o reconhecimento de que a Terra não mais era o centro do Universo. Isto se coadunou ao assentamento de uma ciência mecânica e então cartesiana, juntamente com uma exacerbação da racionalidade e da ciência, culminando numa expulsão da subjetividade e expressividade humanas, que seriam empecilhos para uma visão acertada do reconhecimento científico.

Nesta tese, para que se compreendam as razões e importância da ficcionalidade, da imaginação, do imagético, enfim, da condição humana, e como o pensamento estritamente racionalizado que foi se desenvolvendo, atrapalhou a aceitação destes conteúdos de carga psíquica, desenvolveu-se um enunciado sobre a forma como o pensamento científico se deu, indo de um paradigma até outro que se percebe refletir na atualidade. Para tanto, no segundo capítulo, dividido em duas partes, demonstrou-se que, durante a ciência da física clássica, o pensar abstraía a expressividade humana, a subjetividade, que se acreditava poder ser apartada no elaborar científico.

A evolução científica, resultante de uma mente triádica, que estava despertando e desenvolvendo suas possibilidades, triunfou sobre o misticismo, que também auxiliava no desenvolvimento do hemisfério direito. Ambos, frutos de um processamento dual hemisférico, não poderiam estar em desequilíbrio, incluindo a porção central do cérebro, que auxiliaria nesta comunhão triádica.

Com isso, a própria escritura fonética racional deixou a retórica, a poeticidade, as artes de lado, como expressões não válidas ao engrandecimento do *modus operandi* científico. O hemisfério esquerdo, assim, pôde se expandir mais ainda, enquanto o “obscuro” hemisfério direito ficou com seus fantasmas, medos, temores, e arroubos de expressão. Neste percalço, afinal, a partir do fim do século XIX e início do século XX, em meio à efervescência de novas descobertas, houve o advento da questão referente ao inconsciente, de Freud, ao mesmo tempo em que Albert Einstein acelerou novas mudanças que se vislumbravam na ciência, causando modificações enormes nas teorias científicas, antes tidas como irretocáveis. Assim, embora os sonhos e os aspectos “escondidos” da mente tivessem ganhado reforço, ainda a cientificidade lógica era a mais importante. Einstein teceu a teoria da relatividade, como um primeiro impacto nas certezas antes absolutas do pensamento mecânico e cartesiano: a mecânica de Newton previa que para toda ação existe uma reação de

mesma intensidade, e que tudo no universo obedece a uma lógica maquinal, enquanto que o pensamento de Descartes atribui uma divisão entre o “ser” e a “coisa”.

Porém, o cartesianismo floresceu, dentro de uma visão que se distanciou, de certa forma, da religiosidade que acompanhava o pensamento original de Descartes. Foi um reducionismo que cresceu e se solidificou, trazendo uma percepção fragmentada do funcionamento das leis da natureza e do universo. O homem, para a ciência cartesiana e newtoniana, era parte de uma engrenagem, mas que poderia apenas observar e agir, acreditando não poder manifestar emoções. Assim, pensando que a subjetividade poderia estar fora das pesquisas, o ser humano foi pelo caminho próprio a uma mente unilateral: este mesmo caminhar amplificou o hemisfério esquerdo, e diminuiu a atividade do direito por falta de uso.

Mas, aliada à teoria de Einstein, outra revelação, deflagrada por cientistas como Heisenberg e Bohr, puseram abaixo a noção de certezas absolutas: a luz, descobriu-se, não é “inteira” como se pensava, mas vem em “pacotes”, o que se denominou de *quanta*; além disso, a própria luz coadunava-se com a fórmula de Einstein:  $E = M.C^2$ , ou seja, a energia teria uma massa. Descobriu-se, também, que, os gregos estavam corretos na aceção dos átomos: havia espaço entre eles, embora não fossem constituídos de formas geométricas. Na verdade, o maior impacto de todas estas descobertas se deu com os experimentos que denunciaram ser, as micro-partículas atômicas, corpúsculos e também ondas que se irradiavam. Isto atormentou os físicos, até que se conseguiu aceitar o fato, inclusive, de que a posição do átomo e sua configuração como onda ou partícula dependeria do momento “eleito” pelo pesquisador para fazer a medição. Ou seja, a mente humana interferiria na análise, independente de se buscar um afastamento da subjetividade.

Buscando confirmar os elementos acima, ainda no segundo capítulo da tese foi mostrado como o elaborar científico modificou seu paradigma, de uma visão simplista, na qual que se baseavam a lei newtoniana da ação e reação e o pensamento linear cartesiano, para uma visão inicialmente difícil de ser aceita, em que a descrição da realidade se torna um paradoxo sistêmico: a luz é também matéria, e vice-versa. Viu-se que, a partir daí, a interferência (subjetiva) do homem é que definiria o *momentum* e a situação dos elementos que se escolhiam para os estudos científicos: o tempo-espaço e a posição de, ou uma partícula sub-atômica, ou a mesma como possibilidade quântica, existiriam somente após a definição estipulada pelo fenômeno humano.

Dessa forma, caía de vez o paradigma de uma ciência em que o universo fosse uma máquina estanque, e de que o homem pudesse analisá-lo apenas com sua racionalidade.

Por fim, encerrando o segundo capítulo, elucidou-se, além das questões relativas às mudanças de paradigma científico, como se deram os movimentos de

pesquisa acerca do cérebro humano, dados fundamentais para se situar o objetivo desta tese.

O final do século XX conheceu a pesquisa na área do cérebro, com novas descobertas acerca do aparato mental e da cognição, alavancadas principalmente pelos experimentos e operações de corte do corpo caloso, dividindo os hemisférios, por causa dos pacientes de epilepsia. Igualmente, a tecnologia, melhorada com a computação, passou a permitir a fotografia do cérebro no instante em que ele executa suas ações: a tomografia computadorizada começou a permitir a análise do pensamento humano em todas as vertentes. Por causa da tecnologia, descobriu-se que, por exemplo, ao se fotografar o cérebro em plena atividade, pode-se verificar quais as áreas estimuladas, dependendo da atividade solicitada. O funcionamento dos hemisférios já é, então, bem conhecido e as funções de cada um, graças à tomografia, permitem saber que o esquerdo responde realmente aos fatores racionais. Ele lê, por exemplo, os fonemas, enquanto o hemisfério direito atua ao ver imagens e ao ler os ideogramas chineses. Além disso, é o responsável pelas emoções e pela religiosidade. O hemisfério esquerdo, verificou-se então, responde pela leitura dos fonemas e pelo exercício racional do pensamento. Já o direito, se ativa principalmente ao ver imagens e ao se deparar com as expressões artísticas humanas. O direito, por assim dizer, não racionaliza, mas vê “holisticamente”.

Obviamente, há um cruzamento heurístico no cérebro de uma pessoa que não teve seu corpo caloso dividido, mas não se nega que os hemisférios têm desempenhos distintos, variando ainda, de acordo com o gênero sexual, e até com culturas distintas. Por causa destas mudanças paradigmáticas – da física clássica para a quântica, em que tudo é relativo, baseado em incertezas –, e das descobertas acerca do aparato cerebral, em que se descobriu também que a mente não se estanca, sendo neuroplástica -, o fator humano, sua expressividade e inventividade não podem mais ser separados do fazer científico: ciência e arte, em realidade, fazem parte de um sistema integrativo, e ambas, por serem partes de uma interferência humana, são igualmente válidas.

Assim, viu-se que o cérebro humano não é apenas um complexo material, mas também um elemento fundamental, passível de questionamentos que podem levar até a se diagnosticá-lo não apenas como o mais importante objeto para a existência humana, mas igualmente a possibilidade de ser um aparato, contrariamente ao que se estipula, moldado por uma mente imaterial. A mente possui uma plasticidade, uma maleabilidade, e, contrariamente ao que se supunha, o avançar da idade não representa necessariamente uma diminuição da capacidade cerebral. Se houver utilização constante, a mente se torna mais amplificada.

No terceiro capítulo, defendeu-se que o sistema educacional, embora tenha seguido o paradigma racional, cartesiano, não se atualizou na mesma medida em que os paradigmas da ciência se modificaram. Esta falta de sincronia, inclusive, causou desequilíbrios naturais estimulados por uma ação cartesiana humana, que não levava em conta os impactos de suas ações e que também se revertiam em sua psique, desequilibrando sua mente. Assim, o sistema de ensino, em todos os seus níveis, continua aplicando uma metodologia baseada numa ciência fragmentária, que não contempla o fator humano, o emocional, sua interação, sua psique, suas expressões, suas necessidades inerentes em criar e fantasiar - buscando um retorno às origens -, mesmo que não se tenha consciência de como seria este reatamento.

Embora a física quântica já admita a intervenção do homem na condução de suas teorias e acontecimentos, o sistema acadêmico aplica sua didática de forma cartesiana, racionalmente isolada, estanque, linear, não contemplando a mente sistêmica, utilizando-se principalmente de teorias de escrita fonética científicas, e quase nada de lúdico, de artístico, que envolva também o hemisfério direito. Este hemisfério tem utilidade preponderante, pois possui conhecimentos não verbais, intuitivos, de origem cósmica – a mesma origem do homem.

A cisão que permanece na mente do homem permite que os governos atuem de forma isolada e pragmática (práxis e ação, e obtenção de dinheiro), enquanto os sistemas da sociedade, para que as tecnologias funcionem, são acionados por um fazer racional, estanque e separatista, que não contempla o todo, empregando a grande massa populacional como funcionários regrados, que servem aos sistemas como autômatos, desenvolvendo quase que exclusivamente o hemisfério esquerdo. O direito é utilizado de forma isolada, em seus poucos momentos de lazer, causando mais males do que se possa supor, já que ausente de uma consciência sistêmica.

Enquanto isso, o sistema educacional, em especial o universitário, continua aplicando a metodologia cartesiana, desenvolvendo apenas o hemisfério racional dos alunos e futuros profissionais.

Este pensamento se sucedeu e se espalhou no processo educacional, como parte integrante do pensamento ocidental e racional. Assim, nas escolas e universidades, o foco no estritamente racional manteve de fora a subjetividade, e esta, por ser emotiva, também fazia com que as expressões artísticas não integrassem os conhecimentos ditos científicos. Esta tese partiu da premissa de que é necessário atualizar esta deficiência na integração das tarefas nas sociedades. Nas universidades, o ensino não pode mais permanecer assíncrono aos novos paradigmas: é necessário desenvolver o hemisfério direito igualmente, estimulando os alunos a se integrarem na sociedade de forma profissional, mas também fraternal, sabendo refletir (hemisfério esquerdo), sabendo sentir (hemisfério direito), e sabendo

aplicar (porção central). O ensino não pode prescindir de outros métodos, outras metodologias, que haviam sido postas de fora, por não serem “científicas”. A literatura estritamente fonética racional não é capaz de estimular outras áreas do cérebro, que se ativam por outros meios.

Para as premissas apontadas no capítulo, e em defesa de que, por ser a visão um dos mais importantes órgãos para os sentidos humanos, apontou-se a necessidade de se resgatar a subjetividade expressiva e a criatividade imaginativa, pois fundamentais à ontologia humana, a fim de trazer à tona uma interação vivencial sistêmica, e não mais fragmentária e mental monista.

A imagem é importante, pois aciona uma grande área do cérebro, sendo que os seres humanos são muito visuais. Porém, como se viu até o terceiro capítulo da tese, no desenvolvimento da ciência cartesiana, o desenho teve diminuída (ou ignorada) sua complexidade informacional.

As histórias em quadrinhos, expressões que evoluíram da necessidade humana de narrar suas histórias, imaginárias ou não, e que existem desde os primórdios da humanidade – como a representação da figura humana, ou desenhos que são reproduções de concepções mentais míticas e místicas, – fizeram-se objetos de comunicação e arte, principalmente graças à possibilidade tecnológica da reprodutibilidade e dos jornais. Porém, no processo científico educacional, descompassado das descobertas quânticas, os quadrinhos, justamente por serem feitos de desenhos – que para a mente racional não têm o valor da escrita fonética -, não puderam ser reunidos às metodologias educacionais e até foram escorraçados e perseguidos, pois, diziam seus detratores, instigavam a preguiça mental.

Por isso, no capítulo 4 – Imagem: escrita e desenho -, teceu-se a importância da imagem, e do desenrolar do processo que levou à invenção dos fonemas e ideogramas. Além disso, este capítulo deu atenção especial ao desenho e à função que ele toma no processo informacional, já que, como se colocou na tese, a racionalidade privilegiou a escrita em detrimento da imagem. Para se compreender a importância que esta visão ofereceu - com base no desenvolvimento hemisférico esquerdo, em detrimento ao direito, no que se refere ao ensino acadêmico -, basta se perceber como as histórias em quadrinhos foram relegadas no processo educacional.

No capítulo seguinte, mostrou-se que as histórias em quadrinhos não existem apenas para o público infantil: como todas as expressões humanas, elas também existem para os adultos. E a realização de histórias em quadrinhos também não se estanca em produções industriais. Como quaisquer expressões artísticas, quer seja o cinema, a fotografia, a pintura etc, as histórias em quadrinhos também se apresentam na modalidade autoral, além de, similar à literatura escrita, expressarem-se em diversos gêneros narrativos e/ou literários.

Há um detalhe a mais, nas histórias em quadrinhos: a sua pan-visualidade, em que coexistem desenhos em seqüência com literatura escrita, é até hoje, pouco estudada. Seu valor reside na mnemonização mais precisa, devido aos desenhos que são retidos no hemisfério direito, e à sua estrutura quântica: cada página possui várias cenas que se complementam, em que o olhar do leitor perscruta todas ao mesmo tempo e, ainda que sua visão central focalize quadro a quadro, sua visão periférica acaba por visualizar involuntariamente o “passado” e “futuro” nos quadrinhos das páginas. Estas possibilidades transparecem na necessidade humana de compartilhar narrativas ficcionais e míticas, e ainda mais nas histórias em quadrinhos. Além disso, os desenhos são realizados por autores que impõem seus estilos pessoais. Os traços são elaborados numa interação entre hemisfério esquerdo e direito do autor, que vai reverberar na mente do leitor, como a música o faz.

Assim, se agora, com as reformulações dos conceitos científicos e as novas descobertas da ciência cognitiva, está-se verificando que a mente humana precisa trabalhar e ser incentivada de forma sistêmica; é necessário unir o ensino racional e “frio”, que não contempla a visão do todo, às artes. Para tanto, - já que o desenho, em si, possui informação que “alimenta” o hemisfério direito e a espécie humana necessita comungar narrativas ficcionais que buscam reatá-la a uma natureza da qual já foi conectada -, as histórias em quadrinhos, como um desses elementos, pode muito bem ser utilizada na metodologia educacional, principalmente universitária, de forma profícua, auxiliando nesta união triádica dos hemisférios direito-esquerdo, e central.

A imagem é imperativa, pois, como se viu, a visão é um dos sentidos mais importantes não só para a sobrevivência, como para o estado de conscientização, que pode se dar também por meio da imaginação. A ficcionalidade e a imaginação não são meros atributos, e, sim, mecanismos que a psique humana angariou, no processo de destacamento da natureza. A narração mítica, longe de ser apenas um passatempo, tem como premissa estabilizar a mente, e estabelecer uma ponte entre a realidade tridimensional e as outras realidades, que coexistem como parte integrante do homem, já que é um observador que age e interfere com sua subjetividade.

Mas graças, tanto a esta nova postura de se repensar a mente humana, como as novas descobertas científicas, em especial, deflagradas pela relatividade do espaço-tempo e da concepção de Einstein de que matéria é energia, um novo paradigma estava se formatando. Graças à concepção da dualidade das micro-partículas e da improbabilidade quântica, uma nova abertura estava se fazendo na mente humana. Devido às descobertas da física quântica, a tecnologia possibilitou aparatos científicos mais acurados e o cérebro começou a ser mais bem destrinchado.

Ora, se o ser humano necessita da imaginação e da ficcionalidade para a manutenção de sua psique, já que a desconexão à natureza primordial é por ele



percebida de forma contundente; e se, apesar de ter desenvolvido em etapas as funções cerebrais triádicas, haver preponderado no racionalismo linear, excludente e fragmentário – que, porém, coíbe uma visão sistêmica, é natural que tenha havido um desequilíbrio na relação humano/natureza externa. Isto se verifica pelo estado a que a humanidade se encontra: mazelas de ordem psíquica e desequilíbrios ecossistêmicos, deflagrados pela atuação unilateral cartesiana.

Assim, enquanto na educação o racionalismo impera, sem conexão com os anseios subjetivos humanos – e que influenciam no *modus operandi* como apontado pela física quântica -, na vida cotidiana, a busca desenfreada para preencher esta dicotomia por meio de subterfúgios que alimentam prazeres, mas também ficcionalidade, não encontra eco na educação (e vice-versa).

Assim, amputadas estas duas partes, e conduzidas pela porção central pragmática, o resultado só poderia ser o que se verifica: as mazelas internas, que engatilham as externas (com desequilíbrios, atritos, guerras etc).

Como, então, a interação do processo mental é desejada, e as artes retroalimentam a busca interna humana pelo retorno ao “paraíso”, e, sabendo-se que a atuação e pensamento do homem elegem o estado da matéria física, é preciso uma inserção das artes, como expressões humanas de necessidade ontológicas, a uma educação não mais fragmentária.

Se as imagens ativam o hemisfério direito, que é o criativo, o intuitivo; e as histórias em quadrinhos são parte de um processo expressivo que caminha desde a pré-história, mas também desde que o ser humano começa a aprender a ver, é categórico que se passe a utilizá-las na educação. E não somente no processo educacional básico, já que, por ser a mente neuroplástica, o adulto está também sujeito às influências de tudo o que existe ou é criado e elaborado. Dessa forma, uma educação universitária, que não mais privilegie a informação estritamente racional, necessita de recursos outros, que podem ser por meio da utilização, além dos livros, das histórias em quadrinhos, já que estas não existem apenas ao público infantil.

Como quaisquer expressões de arte, os quadrinhos são elaborados por causa do imperativo ontológico: o homem necessita criar narrativas, ficcionalidades, que o ajudem a comungar com o próximo. E também, muitos autores de histórias em quadrinhos produzem suas obras justamente para que seus semelhantes de mesma faixa etária compartilhem de seus desígnios. As histórias em quadrinhos, sendo elaboradas com uma mixagem de signos desenhados, e fonemas, também trazem uma informação *sui generis*, que atua em ambos os canais hemisferiais: no esquerdo, por causa dos textos, e no direito, devido aos desenhos.

Ora, se já se sabe que o homem não é apenas um componente de uma “máquina”, e que tem sentimentos, e que seu olhar e seu pensar afetam a existência,

uma educação que não contemple igualmente este viés, é uma educação que fadaria a humanidade a um colapso. Uma existência dicotômica, em que a vida profissional e educacional se regulariza por um sistema apenas racional, e em que apenas os momentos de descanso são deixados para o artístico e emocional, cria uma mente cindida, esquizofrênica, que se reverbera no próprio tecido social.

As histórias em quadrinhos, como elementos constitutivos dessa nova busca sistêmica educacional, não seriam a única e redentora salvação. Porém, como parte integrante da psique humana, e por trazer desenhos, que são elaborados por mentes autorais, possibilitam que a mente se apraze na leitura, se informe de conteúdo não apenas fonético, mas também imagético. Uma mente como essa, que comece a refletir de forma sistêmica, que “sinta” emoção ao ler as narrativas, e se articule com o próprio educador (que também vai se sensibilizando com este novo aporte, este novo elemento), vai se modificando, vai se inteirando de um universo maior, e que não opera de forma estanque, ou apenas racionalizado. Mas que se comove, que aprende a partilhar seu conteúdo, suas informações, seus temores. Que aprende a questionar os valores, a forma com que o sistema se construiu, com base apenas na mente unilateral, que vê nos gráficos das medições capitalistas os únicos e principais índices da existência, como se fossem os essenciais - da mesma forma como se acreditava que a terra era o centro do universo, ou que o hemisfério cerebral esquerdo era o “dominante”. Uma mente assim, questionadora, começa a modificar seus conceitos, e a se aperceber como vê o mundo, não apenas de forma racionalizada, incluindo uma maneira nova que integre o hemisfério direito, aflorando nele certos atributos que até agora, ou não foram deflagrados, ou, então, foram boicotados até seu definhamento por falta de uso.

O hemisfério direito, sendo um duto pelo qual provêm informações em nível quântico, de forma sistêmica, mas não esclarecida – pois esta é a tarefa do hemisfério esquerdo – poderia, se pudesse atuar em proporção similar aos outros dois (esquerdo e porção central), deflagrar sentidos ainda jamais vislumbrados, e que só puderam ser explorados por meio de testes e experimentos químicos, como os que eram realizados nas décadas de 1970, com drogas alucinógenas.

Na verdade, uma mente assim, sistêmica, afronta o poder regulado, que se criou com base na formatação do racional e do cérebro central, e que se “alimenta” e sobrevive “pisando” a cabeça hemisférica direita, subjugando a criatividade, o novo, o que não se conhece. A razão é racional e direta: o cérebro racional teme o novo. Teme ser destituído de um poder que se fez centralizador e castrador. Pois é uma mente esquizofrênica, se arrogando ao título de Sol, enquanto é apenas uma Lua, parte de um tríptico, um sistema triádico (Sol, Terra, Lua), como o são as três micro-partículas básicas: o elétron, o nêutron e o próton.

O poder racional e o da palavra, estritamente fonética e racionalizada, esmagaram a informação imagética não linear, quântica, sistêmica, da imagem, da arte, da liberdade de se ir e vir aos universos paralelos que existem, quantificados. Uma mente racional, estancada (cooptada pelo pragmatismo da central, e vice-versa), impede o desagrilhoar da mente sistematizada, universal, cósmica, e que também se torna fraterna, pois rompe todas as limitações e fronteiras.

Uma integração equânime entre as três partes do cérebro poderia, assim, trazer um entendimento muito superior ao que o *homo-sapiens-demens* se acostumou.

Integrando em si esta nova forma de ver-pensar, com o auxílio de várias modalidades expressivas integradas, como as histórias em quadrinhos de divulgação científica, mas com um viés emocional, este *homo-sapiens-demens* poderia se tornar também o *homo-sapiens-demens-ludens*...mas talvez não só: talvez, ainda, desta imbricação quântico-mental, resulte, após esta junção, um novo homem, o *homo-sapiens-demens-ludens-cosmo*, que não mais estaria envolto com problemas fragmentados e limitantes, mas sim, envolto a novos conheceres e empreitadas ilimitadas e fraternas, de uma forma que ainda não se pode aventar: pois aí, o processo intuitivo oriundo do hemisfério direito, aliado à atividade explanatória do esquerdo, posta em atividade pela central, seria de outra ordem e ciclagem cerebrais, talvez ainda nem de longe vislumbradas pela ciência.

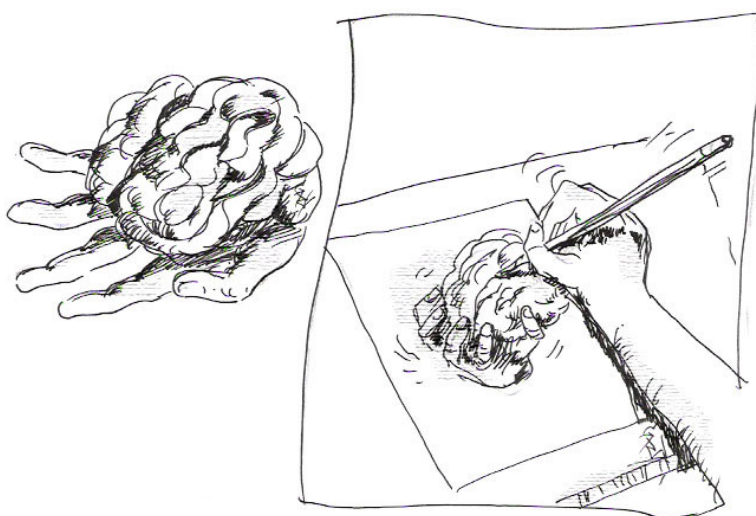


Fig. 191: Arte de Gazy Andraus

